



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CLEIDSON ARRUDA ARAÚJO  
CLEUTON DE LIMA LOBATO**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PRODUTORES E  
PRODUTORAS ARTESANAIS: Um Estudo de Gênero na Feira do  
Artesanato na Beira-rio/Macapá-AP**

**MACAPÁ-AP  
2013**

**CLEIDSON ARRUDA ARAÚJO  
CLEUTON DE LIMA LOBATO**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PRODUTORES E  
PRODUTORAS ARTESANAIS: Um Estudo de Gênero na Feira do  
Artesanato na Beira-rio/Macapá-AP**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Colegiado do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, como requisito para graduação, sob orientação da professora Mestra Iraci de Carvalho Barroso.

**MACAPÁ-AP  
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

303.32  
A663r

Araújo, Cleidson Arruda.

Representações sociais de produtores e produtoras artesanais: um estudo de gênero na feira do artesanato na Beira-Rio/ Macapá-AP / Cleidson Arruda Araújo, Cleuton de Lima Lobato -- Macapá, 2013.  
29 p.

Orientadora: Profa. Ma. Iraci de Carvalho Barroso

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Artesanato – Amapá (AP). 2 Representações sociais. 3. Percepção social de artesões. I. Lobato, Cleuton de Lima. II. Barroso, Iraci de Carvalho, oriet. III. Fundação Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

**CLEIDSON ARRUDA ARAÚJO  
CLEUTON DE LIMA LOBATO**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PRODUTORES E  
PRODUTORAS ARTESANAIS: Um Estudo de Gênero na Feira do  
Artesanato na Beira-rio/Macapá-AP**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Banca Examinadora do Colegiado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, para a obtenção da graduação de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais, orientado pela Profa. Mestra Iraci de Carvalho Barroso.

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Mestra Iraci de Carvalho Barroso (Orientadora)  
Universidade Federal do Amapá

---

Profa. Mestra Ana Claudia Peixoto de Cristo Leite (Examinadora 1)  
Universidade Federal do Amapá

---

Profa. Especialista Rauliette Diana Lima e Silva (Examinadora 2)  
Universidade Federal do Amapá

Apresentado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**MACAPÁ-AP  
2013**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3 CATEGORIAS DE ANÁLISE NO ESTUDO.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Estudo de gênero.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2 Estudo de representações sociais e <i>habitus</i>.....</b>	<b>16</b>
<b>4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NO COTIDIANO DE PRODUTORES E PRODUTORAS ARTESANAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>4.1 Percepções de produtores e produtoras artesanais.....</b>	<b>18</b>
<b>4.2 Representações sociais de ser artesão(ã): dom, vocação ou herança?.....</b>	<b>19</b>
<b>4.3 Representações de gênero: ser produtor ou produtora artesanal.....</b>	<b>21</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PRODUTORES E PRODUTORAS ARTESANAIS: Um Estudo de Gênero na Feira do Artesanato na Beira-rio/Macapá-AP<sup>1</sup>

Cleidson Arruda Araújo<sup>2</sup>  
Cleuton de Lima Lobato<sup>3</sup>  
Iraci de Carvalho Barroso<sup>4</sup>

## RESUMO

Este estudo de abordagem qualitativa trata das representações sociais de gênero entre produtores e produtoras artesanais na feira de artesanato da Beira-rio, localizada no entorno da Casa do Artesão em Macapá. Através de observações em campo e entrevistas realizadas com dez informantes constituídos de ambos os sexos, buscamos compreender como são percebidas as representações sociais de gênero entre homens e mulheres que trabalham com artesanato naquele espaço. Os resultados revelam que produtores e produtoras artesanais partilham a ideia de que o artesanato pode ser tanto produzido por homem quanto por mulher, ou seja, há um processo de desnaturalização do sexo/gênero que rumo no sentido de uma equidade de gênero. A pesquisa demonstrou que nas representações de gênero, a mulher mais que o homem tem características que mais se aproximam da prática artesanal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações sociais. *Habitus*. Gênero. Produtores (as) artesanais.

## ABSTRACT

This qualitative study is about social representations of gender among producers and craft producers of Beira-rio, localized around of the Craftsman House in Macapá. Through field observations of interviews with ten informants consist of both sexes, we seek to understand how they are perceived social representations of gender among men and women who work with craft in space. The results reveal that producers and producers handcrafted share the idea that the craft can be produced by either man as a woman, other words, there is a process of denaturalization of sex/gender that rumo towards a gender equity, women more than man has characteristics that are closer to the practice craft.

**KEYWORDS:** Social representations. *Habitus*. Gender. Producers (the) craft.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade o estudo sobre as representações sociais de gênero no campo da produção artesanal. Neste domínio, optamos em investigar homens e mulheres que atuam na feira do artesanato no entorno da Casa do Artesão localizada no centro da cidade de Macapá.

---

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado ao Colegiado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, sob orientação da Professora Mestra Iraci de Carvalho Barroso.

<sup>2</sup>Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP.

<sup>3</sup>Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP.

<sup>4</sup>Mestra em História Social, professora na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e orientadora de trabalhos acadêmicos. Contato: iraci@unifap.br

A pesquisa tem como objetivo geral compreender como são percebidas as representações sociais de gênero entre *Produtores e Produtoras Artesanais*<sup>5</sup>. Tal compreensão se dá à luz das categorias de análise *gênero, representações sociais e habitus* que julgamos fundamentais para a condução deste estudo.

Para trabalharmos com as percepções sobre as representações sociais de gênero entre produtores e produtoras artesanais<sup>6</sup> consideramos fundamental a discussão sobre a categoria de análise gênero, uma vez que é a partir do estudo dessa temática que se iniciou a partir da década de oitenta que temos o conhecimento das diferenças de gênero, não como advindas de uma base biológica/natural, mas sim, histórica/cultural.

Em relação ao estudo de representações sociais, consideramos importante a apropriação desta noção uma vez que é por intermédio deste mecanismo que indivíduos ou grupos de indivíduos compreendem, interpretam e explicam realidades que lhes são apresentadas, encadeando teias de significado que dão sentido às suas vidas.

Entendemos que representações sociais estruturam e são estruturadas por *habitus* que em uma definição mais literal são valores e comportamentos apreendidos inconscientemente e que se reproduzem pelo e no indivíduo. Assim, na prática da atividade artesanal temos um processo de incorporação de valores partilhados naquele universo cultural e que são reproduzidos como forma de reforçar a identidade daquele grupo.

Dessa forma, as categorias de análise elencadas acima, que adotamos para a realização deste estudo, constituíram-se como embasamento fundamental para compreendermos como são percebidas as representações sociais de gênero entre produtores e produtoras na feira da Beira-rio.

Situado nesta perspectiva, a proposta deste trabalho levantou o seguinte questionamento: como produtores e produtoras artesanais percebem as representações sociais de gênero, como saber prático entre homens e mulheres, em suas atividades na feira do artesanato na Beira-rio?

---

<sup>5</sup> A utilização deste termo nos permitiu abranger as categorias de artesãos (ãs), manualistas e empreendedores (as) demandadas da pesquisa de campo. Os (as) artesãos (ãs) são aqueles que trabalham exclusivamente com produtos naturais. A atividade dos manualistas combina a utilização de produtos naturais e produtos industrializados. Quanto aos empreendedores, ressaltamos que esta disposição funcional deve ser compreendida no sentido de estes serem artesãos (ãs) e/ou manualistas, pois na feira do artesanato na Beira-rio há empreendedores que não são como artesãos (ãs) e/ou manualistas, apenas trabalham com revenda de produtos industrializados, por este motivo não foram o foco de nossa pesquisa.

<sup>6</sup> Quando falarmos no corpo do trabalho somente em produtores artesanais, estaremos nos referindo apenas a homens.

Para responder a este questionamento levantamos duas hipóteses de trabalho: a primeira está relacionada à ideia de que homens e mulheres têm o artesanato não como uma atividade destinada para homens e sim para mulheres. Esta hipótese encontraria justificativa nas funções biológicas que caracterizariam o sexo feminino: paciência, delicadeza, habilidade, concentração e leveza, que seriam atributos, próprios do universo feminino, logo, estariam mais alinhados ao artesanato.

A segunda hipótese remete ao fato de que há uma maior participação das mulheres no artesanato na Beira-rio, porque os próprios produtores e produtoras artesanais consideram que tais atividades exigem habilidades que pertencem ao universo feminino, pois a maioria dos tipos de artesanatos se voltam para as mulheres. O artesanato seria, portanto, relegado às mulheres porque os tipos de artesanatos trabalhados na feira no entorno da Casa do Artesão estariam em íntima relação com os afazeres domésticos, como costurar, manusear tecidos, vestuários, entre outros, que seriam próprios de mulheres.

Dada a especificidade do objeto de estudo, optamos, metodologicamente, pela abordagem qualitativa que fora operacionalizada por observações em campo<sup>7</sup> e entrevistas semiestruturadas<sup>8</sup> realizadas dentro e fora do espaço físico de trabalho dos produtores e produtoras artesanais. As entrevistas foram conduzidas de forma individual com um universo de dez informantes<sup>9</sup>.

Procuramos tirar o foco da mera constatação de desigualdades entre homens e mulheres, atentando mais para as condutas engendradoras de tais desigualdades: o mecanismo da reprodução de práticas distintivas face ainda termos fortemente incorporado objetivamente ao nosso *habitus*, as estruturas que se pautam por princípios de classificação opositiva de gênero. Assim, situamos nosso ponto de partida no comportamento e nas representações sociais de gênero na atividade artesanal.

Dessa forma, o que queremos compreender são os princípios de valoração que dão sentido a tais representações de gênero, que foi construído historicamente e desconstruído na contemporaneidade.

---

<sup>7</sup>Neste procedimento o “objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador”. Ver: SEVERINO, Antônio J., **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2008.

<sup>8</sup>Esse tipo de entrevista é pautada no “discurso livre orientado por algumas perguntas-chaves”. Ver: CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

<sup>9</sup>Os nomes dos informantes apresentados nesta pesquisa são fictícios.



Como a proposta foi a realizar uma abordagem de gênero através das relações que se dão por meio do artesanato, consideramos relevante tal abordagem por entendermos que homens e mulheres atuam como agentes sociais produtores da sua existência simbólica e material.

Nesse sentido, é de grande importância compreender as conexões existentes entre as formas de produção e reprodução da masculinidade e da feminidade, nos espaços de produção material de existência, com destaque a produção artesanal, bem como controle e domínio que caracterizam o mundo social mais amplo a partir das relações de gênero.

Nessa perspectiva compreendemos a importância dos conceitos culturais, que se integram a elementos que caracterizam o patrimônio social, tais como: um sistema de ideias, técnicas, materiais, padrões de comportamento, crenças religiosas e mágicas, literatura, dança, música, folclore, dentre outros. Assim, cultura corresponde “a todas as formas de organização, abrangendo tradições e costumes transmitidos entre as gerações, e que se apresentam como identidade de um povo” (GERIR, 2004, p.22).

As identidades de um povo se constituem a partir de características dos homens e das mulheres que permitem, por semelhança, integrá-los no mesmo grupo e simultaneamente distinguir cada grupo de todos os grupos. Essas características são muito diversas: física, linguísticas, religiosas, geográficas, econômicas e culturais.

É a partir das identidades sociais de gênero, que ressaltamos neste trabalho, a relevância da discussão sobre os lugares e papéis sociais de homens e mulheres no âmbito da produção artesanal, enfatizando as relações de gênero que se constroem, no exercício da ocupação de produtores e produtoras artesanais. Compreendemos, dessa forma, que a cultura artesanal se configura em uma relação de gênero ao mesmo tempo em que desencadeia aspectos culturais de determinada sociedade, proporcionando dinamismo sociocultural em determinado espaço.

Nas seções seguintes apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, explicitando a experiência metodológica com os produtores e produtoras artesanais, as categorias de análises fundamentais ao estudo articulada com o conjunto das representações sociais de gênero de produtores e produtoras artesanais na feira do artesanato na Beira-rio.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Pela natureza do objeto de estudo e por está circunscrito ao campo das Ciências Sociais, consideramos pertinente utilizar nesta investigação o tipo de abordagem de pesquisa qualitativa, porque ela trabalha:

[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p.21-22).

Consideramos que a pesquisa qualitativa poderá auxiliar porque ela parte do alicerce de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ocorre uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Para Haguette (1987, p.55), “os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. Assim, tendo como base estes postulados e em virtude do objeto selecionado, e tendo claro o caminho da pesquisa, optamos pela referida abordagem porque ela possibilitou um mergulho profundo nas nuances e particularidades que o tema comporta.

Dez informantes constituíram o foco deste trabalho, sete mulheres foram selecionadas por critérios baseados no tempo de experiência com o artesanato e no grau de importância que cada uma ocupava no grupo e, por haver apenas um universo de três homens trabalhando com artesanato no entorno da Casa do Artesão, quando do período em que estivemos realizando a pesquisa, optamos em trabalhar com toda esta amostra.

Apesar da proposta de estudar um grupo restrito de produtores e produtoras artesanais, não estamos lidando com um contexto isolado, mas sim perpassado por representações sociais de gênero que circulam por um universo mais amplo.

A observação foi o ponto de partida da investigação, pois proporcionou obter informações sobre determinados aspectos da realidade dos observados. Ela é importante no âmbito desta pesquisa pelo fato do universo pesquisado ser desconhecido, por não termos nenhum tipo de relação com os investigados. Assim, para não influenciar o resultado dos dados e também para não causarmos desconforto ou incomodo a eles, pudemos coletar um bom material para o enriquecimento da pesquisa.

A esse respeito Chizzotti (1991, p.44), argumenta que a função da observação é “[...] ver e registrar, sistemática e fielmente, fatos e circunstâncias em situações concretas que foram definidas de antemão e que estejam ligados ao problema em estudo [...]”.

Todos os informantes foram submetidos individualmente a entrevistas semiestruturadas. Consideramos pertinente a utilização desta técnica, porque:

[...] enquanto instrumento de coleta de dados, assim como qualquer outro instrumento, está submetida aos cânones do método científico, um dos quais é a busca da objetividade, ou seja, a tentativa da captação do real, sem contaminações indesejáveis nem da parte do pesquisador nem de fatores externos que possam modificar aquele real original (HAGUETTE, 1987, p.75-76).

A utilização da entrevista permitiu aos informantes a pronunciar e expor suas experiências e seu modo de pensar com mais desenvoltura. Assim, a adoção desta técnica configurou-se como fonte importantíssima de informação.

A pesquisa de campo se deu no contexto da *Feira do Artesanato e do Empreendedor*<sup>10</sup> na Beira-rio. Partimos, primeiramente da pesquisa exploratória, a fim de que se conhecesse a estrutura e organização daquele espaço para dessa forma definir o objeto com o qual se iria trabalhar. Passada esta fase de definição do trabalho de pesquisa, retornamos a campo para iniciarmos o trabalho propriamente dito. Teoricamente estava tudo encaminhado, mas na prática foi um pouco diferente. Muitos foram os questionamentos que se passou a realizar em campo e constantemente discutíamos sobre a mudança de foco que fora dada na ideia do projeto de pesquisa original.

O ponto de partida para a investigação não se deu, inicialmente, com a intenção de chegarmos a campo, levantar os dados, realizar as entrevistas e pronto. Ao contrário, este ponto foi o de voltar para a adequação de aspectos relevantes que veio à tona no *locus* do objeto, e que não estavam contemplados no projeto de pesquisa inicial.

Estas observações foram importantes na medida em que permitiu repensar o projeto e marcar experiências não só entre pesquisador e pesquisado, mas entre pesquisador e pesquisador em torno de um objeto de pesquisa, pois a cada diálogo

---

<sup>10</sup>Definição institucional que permite diferenciar esta Feira de outras que atuam com o mesmo ramo de atividade em diversos lugares do Estado do Amapá.

surgiam temas interessantes de serem pesquisados. A definição da problemática deste estudo nasceu em grande parte, motivada por estes primeiros contatos exploratórios.

O livre acesso aos informantes foi um ponto positivo para as primeiras incursões pela feira. Mas quando as visitas se tornaram recorrentes muitos produtores (as) artesanais lançaram dúvidas sobre a nossa condição ali. “Quem são eles? São do governo?” comentou conosco um dos produtores quando fora interrogado por alguns de seus colegas.

Dessa forma, a nossa inserção em campo teve que ser um tanto quanto negociada com os produtores (as) artesanais, haja vista muitos temerem a perda do seu espaço de concessão de uso das barracas na feira pela esfera institucional. Este era o principal limitador que se apresentava. Para superá-lo, a questão fundamental era conquistar a confiança daquele grupo afim de que não pairassem dúvidas de que o nosso objetivo ali era o de realizar apenas um trabalho de natureza científica e nada mais.

Para isso, além de selarmos um compromisso verbal de responsabilidade com eles quanto a esta questão, procuramos também ratificá-lo por meio da apresentação de um termo de compromisso impresso que especificava a finalidade do estudo. Com as frequentes visitas e à medida que as entrevistas iam sucedendo, a inserção passou a ser mais facilmente aceita por eles.

### **3 CATEGORIAS DE ANÁLISE NO ESTUDO**

Para compreender as percepções sobre as representações sociais de gênero de produtores e produtoras artesanais, buscamos como base os principais autores que tomamos como referência neste estudo que tratam da temática gênero, representações sociais e *habitus* como categorias de análise procurando focar as suas principais definições conceituais.

#### **3.1 Estudo de gênero**

Neste trabalho, adotamos como núcleo central das concepções de gênero a perspectiva que insere este conceito nas representações de homens e mulheres como produto de construções sociais.

Um trabalho seminal que merece destaque nas relações entre os sexos como construções sociais, é a obra *Segundo Sexo* de Simone Beauvoir. Escrito na década de 1940 representa um esforço de contestar teorias biologizantes que fizeram com que a mulher se constituísse no sexo subordinado, inferior, ao longo da história nas relações entre homens e mulheres. A assertiva enfática de Beauvoir que ecoou entre os estudiosos de gênero e que a qualifica como uma das primeiras autoras que forjou os conceitos iniciais de gênero está em reconhecer que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre macho e o castrado que qualificam o feminino (BEAUVOIR *apud* TAVARES, 2010, p. 50).

O trabalho de Beauvoir representa um dos primórdios dos estudos de gênero por colocar centralmente e de maneira emblemática as situações que foram relegadas historicamente à mulher enquanto sexo “frágil”. A obra desta autora pode ser elencada como uma obra que procurou constatar desigualdades existentes entre os dois sexos, mas, sobretudo de indicar as justificativas que nortearam as ideias sobre a inferioridade feminina que à época de publicação de sua obra estava subscrita a uma estrutura de poder e dominação masculina.

Gayle Rubin *apud* Siqueira (2008) é uma das autoras que também empreenderá os primeiros saltos qualitativos no que mais tarde se convencionará chamar gênero. Ela é uma das teóricas feministas que ajuda a criar as condições que possibilitaram o surgimento deste conceito, por trazer em seu texto pioneiro *The Traffic in Women: notes on the political economy of sex*, um reflexo da opressão vivida pelas mulheres e as aspirações de muitas feministas sobre os encaminhamentos do movimento.

Na década de setenta e oitenta, do século passado, o conceito de gênero, a princípio se referia a uma base cultural que é colocada sobre uma base biológica que seria o sexo. Havia, então, uma dicotomia entre sexo, o biológico, o natural, o imutável; e o gênero, cultural que variava de cultura para cultura e que compreendia tudo aquilo que era socialmente, culturalmente pensado sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Sexo seria, portanto, macho e fêmea: envolveria as diferenças anatômica, fisiológicas e comportamentais, ao passo que gênero seria a cultura.

Foi só a partir dos anos oitenta que o sexo começou a ser visto como categoria teórica também determinada pela história e pela cultura, ou seja, as formas sociais de

compreensão entre homem e mulher é que determinam como o corpo é apreendido. Dessa forma, a partir desses estudos temos um processo de desnaturalização das visões sobre o homem e sobre a mulher.

Atentemos para uma observação importante sobre as diferenças sexuais: no caso das anatômicas, por exemplo, os órgãos genitais não são sociais, a gravidez não é um produto social, a menstruação não é um fruto de uma cultura. São diferenças biológicas, naturais.

O que é social são como estas diferenças são percebidas, interpretadas e trazidas para o campo das relações sociais, das construções de significado, das estruturas de poder. A questão de gênero atua nessa perspectiva, por assim dizer, sobre a percepção das diferenças que se vê entre homem e mulher na natureza.

Neste sentido, tem papel relevante os estudos da historiadora Joan Scott (1995) que desenvolveu bastante o conceito de gênero. Para esta autora nenhuma experiência corporal existe fora dos processos sociais e históricos de construções de significados. Nenhuma experiência corporal existe fora das relações sociais, ou seja, o corpo seja anatomicamente, fisiologicamente e até do ponto de vista comportamental de homens e mulheres não originam essências ou pretensas naturezas masculinas e femininas.

Para Scott, portanto, as relações entre os sexos são construídas socialmente, como já havia sido sinalizado por outras teóricas, porém, para ela isso ainda diz pouco, pois não explica como estas relações são construídas porque são construídas de forma desigual privilegiando o sujeito masculino; não diz como funcionam ou mesmo como mudam, assim chega à conclusão que só essa constatação, não tem força suficiente para integrar ou mudar os paradigmas históricos existentes (SCOTT *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 114).

Scott articula, portanto, a noção de construção social com a noção de poder, presente no processo dessa produção, dizendo por fim que gênero:

[...] tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder [...] (SCOTT, 1995, p. 86).

Para Siqueira (2008) Scott situa gênero como constituído das relações sociais baseada na diferenciação sexual. Estas diferenciações configuram as chamadas relações

de poder entre homens e mulheres. Assim Scott entende que este saber sobre esta diferenciação ordena o mundo culturalmente em coisas masculinas e femininas.

No Brasil, o conceito de gênero como categoria de análise passará a ser amplamente utilizado somente a partir dos anos 80 e 90 em diversas áreas do conhecimento. Sua utilização pode ser situada na articulação entre o movimento feminista dos anos 1970 e os estudos sobre mulheres que tinham como escopo a motivação política de demonstrar e denunciar a situação de exploração, subordinação e opressão da mulher na sociedade brasileira.

São com os estudos classificados de pós-estruturalistas que vemos este conceito passar por diversas resignificações. Para Louro (1997), por exemplo, foi a partir dos estudos feministas e pós-estruturalistas que o conceito de gênero passou por diversas mudanças, não se pautando somente nas diferenças biológicas e sexuais e sim em variadas representações que os corpos ganham no seu convívio cultural. Assim,

[...] Ao dirigir o foco para o caráter "fundamentalmente social", não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas [...] O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico" [...] Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando [...] O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos... (LOURO, 1997, p.21-23).

Os valores sociais conduzem como e onde o sujeito pode e deve ocupar na sociedade. Em relação ao conceito específico da questão de gênero, a autora argumenta de forma clara que gênero vai além do sentido biológico ou do sexo, no qual a ideia primordial é perceber justamente o gênero como parte dos atores sociais. No entanto há:

[...] O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre desta distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender – e justificar – a desigualdade social (LOURO, 1997, p. 20-21).

Então, gênero caracteriza-se historicamente como uma construção de conceitos hegemônicos referentes à feminilidade e masculinidade, isto é, comportamentos e visões estereotipadas consideradas como sendo adequados foram instituídos para cada um dos

sexos no decorrer da história. Portanto, o gênero se refere a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, da diferença do sexo.

Disso decorre que há atividades determinadas para homens e para mulheres, não que as mulheres não possam desempenhar uma atividade que seria supostamente desempenhada só por homens. São as representações sociais e *habitus* que determinam a posição e o comportamento que homem e mulher, irão ocupar em uma determinada sociedade: a definição da cor azul para o sexo masculino e a cor rosa para o sexo feminino, por exemplo, são produtos dessas representações que demarcam fronteiras.

Como veremos adiante, representações sociais significam não só modos particulares de explicar e atuar no mundo, mas, sobretudo, de reproduzi-las por meio da incorporação inconsciente das estruturas sociais.

### **3.2 Estudo de representações sociais e *habitus***

Uma das primeiras formulações para o entendimento do conceito de representações sociais advém das ideias de Émile Durkheim *apud* Amaral (2001). Este clássico trabalha com o conceito de representações coletivas em oposição às representações individuais que para ele seriam ambas, produto de uma herança cultural. No entanto, as representações coletivas predominam sobre as representações individuais. Durkheim (1994, p. 43) trabalha com a ideia de “[...] que as representações sociais são exteriores às consciências individuais [...] não provêm dos indivíduos tomados isoladamente, mas em seu conjunto [...]”

Embasado nos conceitos de representação social contido nas obras de Jodelet e Moscovici, Sêga aponta uma perspectiva diferente de conceber esta categoria de análise, afirmando que:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem (SÊGA, 2000, p. 128).

Os pontos de vista sobre as representações sociais embora divergentes em suas elaborações, nas formas de vê-las por diversas lentes convergem para o mesmo ponto:



representações sociais são comportamentos sociais que se situam simultaneamente no explicar e no compreender as relações sociais.

O mecanismo das representações sociais especifica os valores que nortearão o que os indivíduos ou grupos devem realizar dentro do universo cultural no qual estão inseridos. E a tomada gradativa, a incorporação dos valores enquanto estruturas objetivas que dão sentido ao funcionamento de um determinado universo cultural é produto do *habitus* que vai se adquirindo:

*Habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e “representações” que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social (BOURDIEU *apud* AMARAL, 2001, p.15-16).

Da mesma forma, a incorporação consolidada do *habitus* será alicerce para o reforço ou a para o estabelecimento de representações sociais que atendem as expectativas de indivíduos ou grupos.

A sociedade reproduz no indivíduo todas as suas estruturas. Estruturas políticas e econômicas, modelos de pensamento e valores. Repetimos o comportamento sem saber que estamos realizando. O comportamento não é apreendido conscientemente. Ele é interiorizado, encarnado, incorporado, literalmente, como se tomasse dos indivíduos através de mecanismos inconscientes. Através da incorporação do *habitus*, o nosso corpo passa a ser tomado pelas estruturas da sociedade, ou seja, a sociedade se reproduz dentro de nós.

É incorporando as estruturas sociais que apreendemos inconscientemente entre outras coisas as diferenças entre homem e mulher. Assim, justificamos com este aprendizado inconsciente que mulheres sentam de determinada maneira, andam de determinada maneira, falam de determinada maneira, em suma, se comportam da maneira onde o mesmo não se pode esperar no comportamento de homens. Desse modo, as posições de homens e mulheres ainda são bastante marcadas muito embora houvesse ocorrido algum avanço na direção de uma igualdade de gênero.

Esta incorporação que percebe as diferenças entre o masculino e o feminino começa com a maleabilidade do corpo. O corpo é o principal mecanismo de incorporação e se inicia na família, estrutura de socialização do indivíduo. Neste

sentido, há uma imitação dos comportamentos (valores, atitudes e condutas corporais) do pai pelo filho e do mesmo mecanismo de imitação da mãe pela filha. É dessa forma, que o *habitus* vai sendo reafirmado.

O que não estiver dentro do que se espera para um determinado domínio social abre espaço para o mal estar e sua consequente rejeição, pois que o alimento do *habitus* é reproduzir e não subverter as estruturas sociais. Foi nesta perspectiva que nos foi possível captar as representações sociais de gênero entre produtores e produtoras artesanais.

## **4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NO COTIDIANO DE PRODUTORES E PRODUTORAS ARTESANAIS**

### **4.1 Percepções de produtores e produtoras artesanais**

Os (As) produtores (as) artesanais que estudamos estão dispostos em uma feira de artesanato na Beira-rio. A permanência desse grupo naquele espaço está relacionada não só a implantação naquele lugar de um centro de referência cultural: a Casa do Artesão de Macapá, mas a um processo consensual de valorização do Complexo Beira-rio como um dos principais espaços de atração turística, lazer e consumo da cidade.

Estes agentes sociais estão organizados em pequenas barracas, nas quais são expostos para a comercialização produtos artesanais fabricados com cerâmica, fibras, madeiras, sementes, entre outros. De acordo com o tipo de artesanato, muitos destes produtos são fabricados na própria barraca de comercialização. Esta necessidade é demandada em grande parte pelas preferências e exigências dos consumidores.

Os (As) Produtores (as) artesanais participam de várias feiras organizadas pelo poder público em diversos lugares: são as chamadas *Feiras Relâmpagos*, onde não se tem um lugar específico para a prática do artesanato, as *Feiras Itinerantes nos Municípios* e a *Feira do Artesanato e do Empreendedor*. O espaço destinado a esta última no geral é compartilhado para a realização de uma Feira principal que ocorre a cada final de mês.

As representações sociais de produtores (as) artesanais podem se dá de duas formas: a primeira é o que o sujeito pensa do outro; e a segunda é o que o sujeito pensa si. Neste trabalho, articulamos estas duas percepções nas quais os (as) produtores (as) artesanais pensam e interpretam a realidade cotidiana que os (as) envolvem, conforme

pode ser demonstrado na fala de João sobre o que representa a atividade artesanal em sua vida:

Ser artesão pra mim representa dignidade, amor, dedicação [...] então pra nós o artesanato é isso é se sentir mais valorizado, por incrível que pareça fora do meu Estado eu sou mais valorizado do que no meu Estado [...] por incrível que pareça a maioria das pessoas que mais valorizam são os turistas que chegam aqui [...] então aquilo que você soma com seu talento, com sua criatividade é isso, o artesanato pra mim é isso é você criar, é você gostar, é você amar aquilo acima de tudo. É bom se sentir valorizado [...] se não, não tem significado nenhum [...] (entrevistado em 22/05/13).

Já para José:

O artesanato na minha vida representa praticamente a metade da minha vida, a metade da minha existência depende do artesanato, do meu artesanato [...] Eu acho importante ser produtor artesanal [...] acho bom [...] O meu trabalho é bom porque faz bem a minha saúde, amo meu trabalho [...] (entrevistado em 08/06/2013).

Em ambos os depoimentos os produtores artesanais defendem a ideia de que a atividade artesanal representa um espaço onde se pode cultivar o amor, a dedicação, o talento entre outros atributos que esta atividade requer segundo os entrevistados. Neste sentido, a experiência que cada produtor artesanal adquire conta muito como forma de responder a essas expectativas, como pode ser comprovado no depoimento de Natália:

Pra mim sempre representou uma maneira tipo uma linha de fuga, uma maneira que eu encontro paz interior, tranquilidade, entendeu? É uma maneira que eu me sinto bem comigo mesmo, é melhor lugar como eu sempre digo o melhor lugar da minha casa é o meu ateliê [...] então [...] eu prefiro meu ateliê, pois é o lugar onde eu me sinto em paz, tranquila para fabricar minhas peças.” (entrevistada em 17/06/2013).

Percebemos que há certo ar de felicidade entre os produtores e produtoras artesanais na confecção de seus produtos, eles sentem amor, prazer, carinho, alguns encontram até paz na atividade artesanal quando estão produzindo.

#### **4.2 Representações sociais de ser artesão (ã): dom, vocação ou herança?**

Teoricamente, percebemos várias conceituações de artesanato, empiricamente pode ser percebido no depoimento de João, artesão que desenvolve suas habilidades no entorno da Casa do Artesão:

[...] a atividade artesanal é tudo aquilo que se confecciona com as próprias mãos, tanto faz se for produtos naturais ou industrializados [...] o artesão ele cria na mente, ele pensa, ele gasta o tempo dele para produzir uma peça, mesmo que sejam peças parecidas, mas nunca são iguais, mesmo porque há um sentimento depositado naquela peça, então são peças únicas [...] Então tudo aquilo que ele produz com suas próprias mãos, que ele corta, que ele cria, que ele gasta seu tempo para confeccionar tem coisas terceirizadas, só que tem gente que quer separar produtos naturais dos produtos industrializados e não funciona, por mas que seja naturais se tu for pintar um móvel tu vai pintar ele com que? Com tinta, tinta é industrializada, então as pessoas generalizam as coisas não é por aí. Até quem constrói um prédio é um artesão, antigamente se tu for analisar a história para quem gosta de história um dos grande templos antigos foram construídos pelas mãos dos artesãos [...] grandes jóias, grandes esculturas quem faziam eram os artesãos. Só que foi separado, hoje quem constrói um prédio é um arquiteto, é um engenheiro, quem faz uma casa de madeira é o carpinteiro, quem trabalha com alvenaria é o pedreiro [...] mas todos esses grupos têm artesãos [...] mas só que foram separada as categorias [...] (entrevistado em 22/05/13).

Em análise ao depoimento acima, verificamos que 80% da produção é artesanal e manual, fruto da transformação da matéria prima pelo (a) produtor (a) artesanal, e geralmente, reflete a relação deste com o seu meio e produz relações sociais interacionais.

Historicamente, o artesanato se baseia na experiência vivida e transmitida de geração para geração. Neste processo tem grande peso a tradição familiar. De acordo com Dias (2003, p.49), “[...] crescer em meio artesanal é, geralmente, um meio de não só “dar continuidade à categoria”, mas manter os vínculos afetivos, a memória, as trocas simbólicas e os elos de solidariedade e dom necessários à gestão do cotidiano [...]” dos (as) produtores (as) artesanais, como podemos perceber de forma clara no depoimento de Natália:

No caso a minha mãe ela sempre trabalhou [...] com pintura com gesso e eu me dediquei a trabalhar com gesso foi as minhas primeiras peças assim foram de gesso trabalhei muito tempo com gesso fazendo brindes de aniversários, de casamento, de debutante aí depois que eu resolvi trabalhar com tecidos, com pelúcia e com outras coisas mais. Mas meu primeiro trabalho foi com gesso. Hoje eu tenho vários outros tipos de trabalhos tipo assim tudo o que eu vejo eu gravo na mente e faço ou às vezes eu crio [...] Tudo o que eu quero tipo assim às vezes eu até sonho com uma coisa e de manhã eu faço. Meu irmão lá em Belém costumava a dizer que eu já respirava artesanato. Ele acordava e dizia eu sonhei com isso, isso eu corria e ia fazer, então é assim eu crio às vezes eu compro revistas e copio das revistas, mas é assim.” (entrevistada em 17/06/2013).

Muitos produtores e produtoras têm apenas a atividade artesanal como ocupação e são levados à feira de artesanato principalmente pela influência de um amigo ou parente com os quais aprendem na prática o universo deste saber. Assim expressa Anita:

Só artesã mesmo. Eu sou filha de costureira, então eu já tenho isso desde criança, né? [...] Tive influência da minha mãe como eu falei ela é costureira, então, às vezes, ela precisava de um detalhe eu fazia, às vezes, ela precisava fazer uma aplicação nos vestidos, aí ela pedia para eu fazer, também ela fazia o crochê ela parava um pouquinho pra descansar aí eu pegava um pouquinho aprendi e gostei. Eu devo isso muito a minha mãe e ao meu pai (entrevistada em 27/06/2013).

Então, como podemos observar nos dois depoimentos, a influência da tradição familiar contribui para que se perpetuem os laços afetivos e também a profissionalização dentro da atividade artesanal. Há o intuito deles aprenderem uns com os outros a desenvolverem as habilidades necessárias para esta atividade.

Analisado por esse viés, a atividade de cunho artesanal compõe a história de um conhecimento de vida e que muitas vezes é passado de geração para geração ou podem ser apreendido na prática com outras pessoas sem ser da família. Os produtores (as) artesanais podem ser influenciados a aprenderem e/ou a desenvolverem as habilidades para confeccionarem produtos artesanais.

Habilidade, desejo, amor e paciência são alguns dos elementos que constituem os instrumentos tanto da construção como da transmissão do saber artesanal, em um processo de ensinar fazendo. Como relata a experiência da entrevistada Maria: “Aprendi a fazer artesanato olhando uma colega fazendo [...]” (entrevistada em 22/05/2013).

Segundo Dias (2003), a experiência e o aprendizado que cada produtor e produtora artesanal carregam em sua memória passam a ser colocados em várias formas de expressões da criatividade, como podemos observar através da afirmação da entrevistada Maria. O aprendizado passa, além da tradição familiar, envolvendo também a observação e treino que representam um campo de saberes acumulados na experiência cotidiana.

#### **4.3 Representações de gênero: ser produtor ou produtora artesanal**

No que diz respeito, a marcação da posição da mulher em maior número na feira Beira-rio alinha-se uma interpretação mental sobre como os produtores (as) concebem o artesanato. Para as mulheres informantes o que está na base da diferença entre homens e mulheres no artesanato na Beira-rio assenta-se no *status* de valorização que esta atividade possui.

Um primeiro dado diz respeito, ao retorno financeiro. Para os (as) produtores (as) artesanais, o homem é mais exigente quanto à procura de uma ocupação profissional, porque se vê como o principal provedor da família. Sente, assim, a necessidade de se inserir em ocupações profissionais que lhe tragam um retorno maior e imediato. Entendem dessa forma que a ocupação artesanal não corresponde a estas expectativas.

Mas como explicar a presença dos poucos produtores artesanais que se encontram trabalhando com artesanato na feira Beira-rio? De acordo com eles isso se deve ao fato de estes já terem uma idade avançada e condições físicas laborais fragilizadas para exercer profissões regulamentadas, bem como a resistência de empregadores (as) em admitir pessoas idosas e não “experientes” para ocuparem funções especializadas no mercado de trabalho, como demonstra o relato de Roberto:

Rapaz a importância eu já te disse é porque é o jeito mais fácil de eu encontrar a vida é através do artesanato porque em outro trabalho eu não agüentava e porque ninguém quer hoje em dia empregar pessoas da minha idade de 77 anos, aí pra mim tocar a minha vida o artesanato é o meio que eu escolhi. Aí é o seguinte toda vida eu gostei de trabalhar com o artesanato ainda hoje na idade que eu to eu trabalho direto [...] (entrevistado em 24/06/2013).

Para o entrevistado, o artesanato foge a estas exigências por se caracterizar como um trabalho mais leve, sutil, exigindo pouco dispêndio de força física para a sua realização. Estes fatores somam-se também ao gostar do fazer artesanal, o que para ele é um aspecto motivador para se estar na feira da Beira-rio.

As (Os) produtoras (es) artesanais afirmam que os homens podem confeccionar os produtos, porém não há um interesse por parte desses, nesse sentido, para a produtora artesanal Maria: “o homem não quer saber, porque o meu marido não quer saber. Ele diz: que não quer perder tempo aqui.” (entrevistada em 22/05/2013).

Além de não estarem dispostos a perderem tempo com o artesanato, por esta ocupação não viabilizar um retorno financeiro imediato, homens e mulheres defendem que isto também está ligado ao fato de a maioria dos produtos artesanais que é praticado na feira, ser de uso feminino. Esta ideia pode ser comprovada na alegação de João:

A maioria do artesanato é voltado para acessórios femininos, por esse lado, nesse aspecto as mulheres se dedicam mais, elas fabricam colar, chaveiros, algumas coisas para enfeitar a casa. Esse é um trabalho mais sutil [...] Cada um faz aquilo que gosta, não é destinado um tipo de trabalho específico para homens e para mulheres, por exemplo, esse rapaz da barraca ao lado faz crochê melhor do que muitas mulheres, ele faz bolo, essas coisas de mulheres [...] (entrevistado em 22/05/13).

Apesar de reconhecer que não há uma divisão de tarefas entre homens e mulheres como sinalizado no final de sua fala para se trabalhar com o artesanato, o depoente acredita que as mulheres se dedicam com mais afinco por possuírem mais delicadeza que estes para a fabricação dos produtos artesanais.

Estes comentários apontam para uma contradição em que primeiramente aparece imbuída uma ideia de naturalização e desnaturalização das percepções de divisão da atividade artesanal. Todavia, percebemos que ainda há uma confusão de ideias quanto ao fazer de homens e ao fazer de mulheres.

Para os produtores artesanais, homem pode trabalhar com os artesanatos que seriam destinados para mulheres, mas estes são de mulheres segundo eles. Temos aí de forma inconscientemente a reafirmação de um *habitus* da naturalização que ainda marca fortemente posições relegadas ao universo feminino: “[...] essas coisas de mulheres”, como assinalou o depoente na fala acima.

Mas de onde vem essa necessidade de classificar as coisas em masculinas e femininas? Claude Levi- Strauss (1982) entende as diferenças de comportamento como sendo um ato operativo do pensamento humano de realizar classificações, a partir das coisas visíveis na natureza. Assim, as diferenciações sociais de sexo se organizariam de acordo com um sistema de complementaridade que manteria estruturalmente uma dada sociedade.

Kergoat (2003) sustenta uma perspectiva diferente, dizendo que o que está em jogo nas relações entre homens e mulheres é a divisão sexual do trabalho, pois que falar da divisão sexual do trabalho significa colocar centralmente a questão das relações de poder entre homens e mulheres e, portanto, as relações de dominação, as relações de exploração, as relações de opressão dos homens sobre as mulheres.

A superioridade masculina não tem a ver com as funções orgânicas, ao contrário, é porque nossa sociedade pensa o universo masculino como superior que o corpo masculino é pensado como o mais forte.

Abstraímos daí um conjunto de representações que passam a fazer parte do *habitus* de cada um dos sexos. Para Cabral e Dias (1998), as meninas são incentivadas a serem passivas, sensíveis, frágeis, dependente e todos os brinquedos e jogos infantis reforçam o seu papel de mãe e dona de casa, já os meninos são conduzidos a brincarem em espaços abertos, na rua. Eles jogam bola, brincam de guerra, entre outros. Isso ratifica que os meninos são incentivados a serem fortes, independentes e valentes, ao

passo que a delicadeza, a paciência e a concentração seriam atributos das mulheres, como relata Natália:

Com certeza a mulher tem mais paciência para fabricar os produtos. A mulher ela é mais paciente, ela é mais carismática, ela é mais delicada, entendeu? Então ela tem toda aquela habilidade aquele carisma em fazer tudo com mais amor. Tudo que é feito com amor sai bem feito, né? Não querendo dizer que o homem não faz nada com amor, depende do que ele está fazendo, né? O que ele vai fazer ele também tem que fazer também com paciência, com amor, colocar dedicação tudo em cima daquele trabalho para que saia perfeito, né? Mas com certeza a mulher tem mais habilidade (entrevistada em 17/06/2013).

Quanto ao saber e a prática na produção artesanal, Anita caminha em direção semelhante, evocando as funções biológicas (naturais da mulher) como determinantes para a produção artesanal:

Sem dúvida é a mulher que tem mais habilidade e paciência para confeccionar o artesanato. A mulher tem aqueles detalhes que a mulher tem melhor do que o homem. Homem é mais aquela parte grosseira, né? Eu conheço pessoa assim que trabalha com cerâmica ele faz monta as peças, mas os detalhes quem faz lá em Cunani e Maracá quem faz é a mulher, então assim detalhe nós temos assim uma visão de mulher aquela coisa feminina acha que chama atenção mais das pessoas do que os homens (entrevistada em 27/06/2013).

Há uma reprodução dessa naturalização das tarefas destinadas a homens e mulheres entre homens e mulheres entre os produtores e produtoras artesanais. Este dado está consoante àquilo que Saffioti (1987) vem chamando atenção em sua obra *O poder do macho*. A autora adverte, no entanto, que não se atentem apenas para a mera dominação e discriminação de homens sobre mulheres, pois que esta relação guarda em si diversas complexidades de análise: há mulheres que dominam homens, o pensamento de mulher de classe social burguesa difere do pensamento de uma mulher de classe social operária, por exemplo.

Estudar o gênero apenas do ponto de vista da constatação de desigualdade entre homens e mulheres é colocar um contra o outro e esquecer questões fundamentais que dão sentido a estas relações como uma análise de classe que envolve o gênero.

As representações de gênero no mundo social mais amplo encontram-se respaldo majoritariamente na naturalização do que na historização dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua



capacidade de ser mãe. De acordo com esse pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

Estes pressupostos estão estruturados por *habitus* do universo da cultura dos grupos sociais desde a mais tenra idade. A cultura projeta sobre os sexos as suas próprias hierarquias, ou seja, para que a cultura espelhe sobre esta distinção natural todo o universo de ideologias, segregações e hierarquias próprias de uma dada sociedade. A distinção entre masculino e feminino criou ao longo do tempo uma grande hierarquia. Aquilo que é visto como masculino vale mais do que aquilo que é visto como feminino, como esclarece Zilda:

Eu acho assim, hoje em dia está muito modificado, mas o sexo masculino ainda se acha um pouco retraído pra exercer essa profissão porque eu conheço pessoas do sexo masculino que fazem crochê, que fazem pintura, mas tem tipo assim uma vergonha de vim expor e a pessoa perguntar é você mesmo que faz e a pessoa fica assim meio acanhada de dizer sou eu que faço. É como eu já disse eles têm tipo assim uma vergonha eu acho até que eles se acham que não vão ser valorizado porque trabalham com o artesanato se for uma coisa, por exemplo, se for uma bijuteria têm homens que fazem trabalho artesanal com a bijuteria, então já as pessoas vão achar que é afeminado, que é diferente (entrevistada em 03/07/2013).

Isso se estende desde atitudes pessoais, gestos, gostos e escolhas profissionais. Tudo isso é classificado pela nossa sociedade como masculino e feminino. A invasão atípica de um sexo ao espaço do que foi convencionado ao outro provoca necessariamente um mal estar, pois o nosso pensamento opera com papéis bem definidos para a divisão sexual do trabalho.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tomamos os estudos de gênero na perspectiva de demonstrar que as diferenças constatadas entre práticas de homens e de mulheres são construções sociais e não diferenças que provém de uma causalidade biológica, como verificamos na fala da maioria dos entrevistados que fizeram parte deste estudo. Ao tentar desconstruir o processo de naturalização, nos relatos eles incorporam essa naturalização.

As representações de homens e mulheres dependem, em suma, de um aprendizado daquilo que se convencionou socialmente, daquilo que se estabelece como maneiras de ser em cada cultura específica. Ou por outra: a cultura especifica as coisas que devem ser de homem e as coisas que devem ser de mulher. Assim, o artesanato se

inscreve como expressão de um saber que está mais alinhado às mulheres segundo os investigados. Neste sentido, a minoritária participação dos homens neste ramo é justificada não só por questões econômicas, de trabalho, mas por percepções culturais sobre as características diferenciadoras entre os sexos.

Assim, em seu conjunto, a existência predominante da participação das mulheres nas atividades artesanais na Beira-rio está relacionada à ideia que homens e mulheres têm do artesanato não como uma atividade destinada para homens e sim para mulheres. Os (As) produtores (as) artesanais, ainda se apoiam nas funções biológicas que caracterizariam o sexo feminino como: paciência, delicadeza, habilidade, concentração e leveza, que seriam atributos, próprios do universo feminino, logo, estariam mais alinhados ao artesanato.

No entanto, está hipótese foi refutada, pois foram unânimes as respostas dos entrevistados em afirmarem que não há uma divisão sexual de atividades, tanto homens quanto mulheres confeccionam qualquer artesanato seja ele em madeira, semente, fibra, cerâmica, entre outros. O que demonstra também *habitus* incorporados pela desnaturalização sexo/gênero.

A outra hipótese estaria relacionada ao fato de que há uma maior participação das mulheres no artesanato na Beira-rio, porque os próprios produtores e produtoras artesanais considerariam que tais atividades exigem habilidades que estariam mais próximas do universo feminino, a maioria dos tipos de artesanatos se voltam para as mulheres. O artesanato seria, portanto, relegado às mulheres porque os tipos de artesanatos trabalhados na feira no entorno da Casa do Artesão estariam em íntima relação com os afazeres domésticos, como costurar, manusear tecidos e vestuários entre outros, que seriam próprios de mulheres.

Está hipótese foi confirmada, pois foram também unânimes as respostas dos entrevistados em dizerem que realmente as mulheres têm mais paciência, delicadeza, habilidade, organização, entre outros, no processo de produção artesanal. Segundo eles (as), as mulheres têm mais criatividade para fazer principalmente a parte de bijuterias, arranjos e acessórios em gerais. O homem já não tem tanta paciência assim. A mulher não tem só a paciência como ela se dedica mais do que o homem, ela é perfeccionista e organizada, disseram os investigados (as).

Nos dados levantados, a pesquisa demonstrou alguns aspectos que também contribuem para a predominância das mulheres na feira da Beira-rio, como o fato de a maioria dessas mulheres serem solteiras, assim são simultaneamente mãe e “pai” ou

“chefe” de família, por todas já terem uma idade avançada e não estarem mais com condições físicas tão boas para exercerem outra profissão. Desse modo, encontraram na atividade artesanal o meio de sobrevivência, mesmo porque esta é uma atividade voltada predominantemente para acessórios femininos, por isso, as mulheres se dedicam mais.

Outro aspecto importante encontrado no estudo, que diz respeito à predominância da mulher naquele espaço está relacionado ao fato dos homens procuram desenvolver atividades produtivas que lhes traga maior remuneração financeira do que a artesanal. Foram predominantes as respostas dos entrevistados em afirmar que realmente os homens não gostam de exercerem a profissão artesanal pelo fato de quererem o retorno financeiro imediato e lucrativo.

Isso se dá porque segundo os entrevistados os homens acham que a atividade artesanal é um trabalho muito leve, eles não têm a paciência de ficar confeccionando e nem esperando vender os produtos. O valor de cada peça é muito barato. Os produtores (as) artesanais acreditam que os homens têm vergonha e acham que não serão reconhecidos e/ou valorizados, assim sendo taxados com os estereótipos de mulher ou homossexual se forem trabalhar com o artesanato.

Nesse sentido, foi importante compreender as relações existentes entre as formas de produção e reprodução da masculinidade e da feminidade, nos espaços de produção material de existência, com relevo a produção artesanal, bem como controle e domínio que caracterizam o mundo social mais amplo a partir das relações de gênero.

A ótica sociológica nos permitiu perceber as variadas nuances com que se apresenta a realidade social. Dessa forma, a presente investigação visou contribuir para uma maior compreensão da cultura artesanal e as representações sociais de produtores e produtoras artesanais na Beira-rio que se instituem entre grupos de artesãos.

Realizar este estudo foi fundamental para se compreender como se dão as relações de gênero na cultura artesanal no complexo Beira-rio na cidade de Macapá e a forma como homens e mulheres desenvolvem suas habilidades manuais na confecção de seus produtos.

Por fim, as descobertas, possibilitam novos caminhos para a pesquisa sociológica na elucidação dos fenômenos sociais e fazendo surgir novos questionamentos sobre esta temática investigada, contribuindo, assim, para a academia, para a sociedade e em especial para os (as) produtores (as) artesanais.

## 6 REFERÊNCIAS

AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Famílias às avessas: gênero nas relações familiares de adolescentes**. EUFC, Fortaleza, 2001.

CABRAL, Francisco; DIAS, Margarita. Relações de Gênero. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DIAS, Maria Esther B. **As areias coloridas do litoral cearense modeladas por sábiasmãos**. (artigo), 2003, p. 47-61.

DURKHEIM, Émile. **Representações individuais e representações sociais ps. 9-54 in: Sociologia e Filosofia**. Icone Editora. Tradução: Paulo J.B. San Martin. São Paulo, 1994.

GERIR: **Informativo do Programa de Gestão Participativa com Liderança em Educação**, Salvador, v.10, n.35, p.17-37, jan./fev. 2004. Disponível em: <<http://www.liderisp.ufba.br/revistas/gerir%20v10%20n35%202004.pdf>>. Acessado em 15/02/2013.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. Ed. Presses Universitaires de France. Paris, novembro de 2000. Tradução: Miriam Nobre em 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do Parentesco**; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero** (artigo), Revista Ártemis, vol. 08, junho 2008, p. 110-117.

TAVARES, Hellen Olympia da Rocha. **Gênero: uma categoria de análise do social** (artigo), Revista Eletrônica de Ciências Sociais, vol. 01, n.2. abril 2010, p. 49-54.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. p. 71-99.